

O Turista

José d'Arimatéia

Tudo permanecia em seu costumeiro lugar. A TV estava ligada somente com o intuito de afastar a sensação de que não havia ninguém por perto. Por espanto, nem Clarice, Maupassant ou Tchekhov estavam convidativos naquele momento. Beethoven ou Carpenters muito menos.

Da sacada do apartamento, percebi que as nuvens que outrora anunciariam uma possível tempestade haviam passado. A lua enorme e redonda agora reinava soberana em um céu salpicado de estrelas brilhantes parecidas com fagulhas de cacos de vidro. O deslumbre de tamanha imensidão cósmica fez-me uma constatação: “Nada como uma caminhada para espantar os fantasmas”. Por precaução, as luzes ficaram acesas.

Quando a porta do elevador se abriu, deparei-me com um menino com tatuagens nos braços e enormes argolas nas orelhas. A minha entrada no cubículo de metal, por um breve momento, desviou a atenção de seu olhar curioso e entediado. O garoto apertava nervosamente as teclas do aparelho celular e resmungava baixinho algo que eu não conseguiria compreender. Quase arrisquei um “Boa Noite”, mas desisti. E os dez andares que se seguiram pareceram intermináveis.

O porteiro, na companhia de seu pequeno rádio de pilha, exibia um semblante sereno e pacífico. Disse-me um “Olá, como vai?” melodioso e sincero. Retribui o cumprimento com menos cordialidade. Não por arrogância ou soberba, mas sim por uma simples falta miserável de melodia e sinceridade no meu modo desajeitado de me expressar. O menino que me fez companhia durante o trajeto do elevador foi abraçado rapidamente pela agitação da turma que o aguardava na rua. Tomaram um caminho contrário ao que eu faria.

Bastaram apenas alguns minutos desse inédito passeio para que eu constatasse o quanto meu corpo estava desacostumado a esse tipo de atividade.

Incógnito pelos passantes, caminhei por alguns quarteirões onde as luzes oriundas dos postes de iluminação ofuscavam um pouco minha visão. Morando no mesmo prédio há muitos anos, fiquei surpreso ao perceber que aquelas ruas tão próximas eram também tão desconhecidas. “Eis os encantos dessa cidade: nunca faltam caminhos para se descobrir.”

Pude ver como as fileiras de arbustos e pequenas árvores plantadas na calçada contrastavam com o lixo não recolhido das ruas.

Passei por uma pequena praça cercada por enormes ipês, onde um grupo de jovens conversava animadamente sobre a última balada e um casal de namorados aguardava em frente ao carrinho de lanches seus hot dogs ficarem prontos. Próximo dali, em um canto mal iluminado, um mendigo dormia tranqüilo em seu improvisado colchão feito de papelão e trapos.

Elegantes casas iluminadas enfileiravam-se com seus gramados aparados e jardins de roseiras vermelhas e outros tipos de flores que não pude identificar. Lembrei-me que ela era apaixonada por orquídeas e tulipas. Se estivéssemos juntos, esse passeio certamente a teria agradado.

Avistei na esquina, um barzinho mal iluminado e com poucos freqüentadores. Naquele momento pareceu-me um ótimo lugar para descansar meu desacostumado corpo. Escolhi uma mesa próxima da rua e longe do barulho da TV, que por sinal estava em seu volume máximo. Pedi uma cerveja ao garoto de boné vermelho que educadamente me atendeu. Aos poucos fui me entretendo ao ouvir a conversa de alguns jovens que disputavam uma partida de bilhar. Um deles, que aparentava ser o mais jovem, alertou aos outros sobre a hora do encontro com as garotas. Rapidamente encerraram a disputa, pagaram a conta e saíram.

Após me servir mais uma garrafa, o garoto desligou a TV. Percebi então que eu era seu último cliente. Bebi a cerveja rapidamente. Estava mais amarga que de costume. Paguei e ao sair, aquele jovem desconhecido não respondeu ao meu “Boa Noite”. Pôs-se recolher a mesa e a cadeira que eu ocupara.

Talvez o álcool tenha deixado meu caminho de volta mais longo. As iluminadas casas de outrora se transformaram em vultos imóveis e silenciosos, misturados ao negro da noite. Os belos jardins estavam invisíveis e o aroma das flores dera lugar a um estranho cheiro de mofo. Os cães alardeavam que algum estranho rondava a tranqüilidade das famílias que ali repousavam. O carrinho de lanches e os jovens namorados já não animavam mais a praça, que agora apenas velava seu velho mendigo adormecido. Entrei no prédio sem ser notado pelo porteiro, entretido com sua TV.

Talvez o álcool tenha feito meu lar parecer ainda maior naquela noite. E toda aquela imensidão era insuportável na maioria do tempo em que lá eu permanecia: ao preparar

refeições que sempre sobravam no prato, ao escovar os dentes diante do espelho do banheiro. E assim como todas as outras noites, ao me deitar na grande cama de casal com meu pijama desbotado, as recordações rondaram a penumbra do quarto: “Onde estaria ela agora? Com quem estaria? Ainda se lembraria de nosso aniversário de casamento? Se recordaria de algum momento feliz que passamos juntos? E as crianças estão bem? Meus netos perguntam por mim?”

E como em todas as outras noites de insônia, as respostas não vieram. Restou-me apenas a amarga companhia do rádio-relógio que fielmente desperta-me todos os dias com a mesma canção desconhecida.